



## Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco

Ana Camilla Negri

Professora da UNIMEP – Piracicaba, SP

UBC – Mogi das Cruzes, SP

CREUPI – Espírito Santo do Pinhal, SP

**Resumo:** Este paper pretende discutir um possível novo gênero no jornalismo atual: o gênero híbrido reportagem em quadrinhos. A pesquisa tenta traçar um pequeno histórico de obras da história em quadrinhos que perpassam pelo realismo e se utilizam de técnicas semelhantes à produção de reportagem, tais como a captação de informações, para depois alcançar o trabalho do jornalista-quadrinista Joe Sacco, alvo principal do estudo. A análise vai comparar as características da grande reportagem, principalmente no estilo do new journalism norte-americano, com as obras de Sacco: *Palestina – uma nação ocupada*; *Área de Segurança Gorazde: A Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995* e *Natal com Karadzic*.

**Palavras-chave:** Jornalismo – Quadrinhos – Joe Sacco.

Não é uma ambição nova nas histórias em quadrinhos a de narrar acontecimentos reais importantes como tema central de uma obra. Ao longo da história das HQs há muitos exemplos de narrativas que tentam se aproximar do real. Mesmo o que podemos considerar “primórdios” das HQs – tais como a Via Sacra contada na forma de ilustrações em esquema seqüencial nos vitrais de Igrejas ou os papiros egípcios narrando grandes feitos dos faraós – foram maneiras diferentes de cada época em se reportar fatos reais importantes da história através do desenho em seqüência.

Na forma do quadrinho tradicional, tal como conhecemos hoje, podemos destacar algumas obras interessantes: *Maus*, de Art Spiegelman, conta a saga de uma família judaica sob a desgraça nazista - a família do próprio autor. Will Eisner, um dos mais importantes nomes da arte dos quadrinhos e que ficou famoso pela sua obra ficcional *The Spirit*, também

se aventurou no terreno do realismo com obras como *New York: The Big City* – na qual narra o cotidiano da grande metrópole norte-americana; e *O Último Dia no Vietnã* – série de histórias nas quais o autor mistura a liberdade ficcional com o realismo das guerras que presenciou durante o período em que trabalhou junto ao exército norte-americano na revista *P.S. Magazine*: “Cada uma das histórias que faz (sic) parte deste trabalho foi escolhida de uma série de encontros com pessoas inesquecíveis que eu conheci durante o período em que estive envolvido com os militares”<sup>1</sup>.

Em se tratando do quadrinho japonês – o mangá –, podemos encontrar obras-primas cujo exemplo mais interessante é a obra *Hadashi no Gen (Gen pés descalços)*, de Keiji Nakazawa. *Gen* é um relato autobiográfico em forma de quadrinho sobre o bombardeio atômico de Hiroshima durante a II Guerra Mundial e suas conseqüências. O autor baseou-se em sua própria experiência vivida durante a infância (Nakazawa tinha sete anos quando a bomba explodiu em Hiroshima). Lançado em série entre 1972 e 1973 na revista *Shonen Jump*, o trabalho chamava-se inicialmente *Ore Wa Mita (Eu vi)*. A saga inteira de *Gen* tem quase duas mil páginas e foi traduzida em diversos idiomas. No Brasil a HQ tem quatro volumes: *Uma história de Hiroshima; O dia seguinte; A vida após a bomba e O recomeço*.

Em termos de quadrinhos nacionais o destaque na atualidade vai para *Fealdade de Fabiano Gorila*, de Marcelo Gaú, lançado em 1999. O trabalho não é autobiográfico como no caso de Nakazawa e nem leva o tom narrador-observador como no caso de Will Eisner, mas a HQ mistura ficção com elementos da realidade nacional. Em formato livro, o trabalho de 128 páginas é dividido em três histórias que tratam temas bem brasileiros carregados de um realismo surpreendente. A primeira história aborda a morte de Getúlio Vargas sob a ótica de um rapaz que tenta a carreira de jogador de futebol. Na segunda história, *Granadilha: os crimes do corpo*, o autor fala sobre o morro, os botecos e o sangue de corpos no asfalto. A última história da HQ chama-se *Três minutos de linha*. Nela Gaú descreve universos femininos, tais como, máquina de costura, telenovela e tédio.

No mesmo estilo de *Fealdade* encontra-se no mercado uma obra interessante dos quadrinhos espanhóis: *Zestas*, de Joaquín Resano e Ernesto Murillo. O polêmico trabalho foi publicado na também polêmica revista *El Vibora*, surgida nos anos 80 na Espanha e que sempre trouxe em suas páginas quadrinhos europeus de vanguarda. *Zestas* tenta retratar a

---

<sup>1</sup> Eisner na introdução de *O Último Dia no Vietnã*. São Paulo: Devir, 2001

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **História em Quadrinhos**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



juventude basca submetida à guerra suja contra o terrorismo do governo espanhol. O que chama a atenção é que o quadrinho não utiliza os clichês ‘mocinho’ ou ‘bandido’. Todos estão à mercê do tráfico de drogas, da violência, e da política espanhola. Em suma, é uma história sobre o submundo na Espanha.

Mas o mérito em trazer o realismo para os quadrinhos, de modo a se utilizar dos métodos de apuração jornalísticos, fica com o jornalista Joe Sacco, alvo desta pesquisa. Natural de Malta, atualmente vive em Nova Iorque onde ganha a vida como cartunista e jornalista. Formado em jornalismo pela Universidade do Oregon em 1981, Sacco ‘inventou’ o que podemos chamar de um novo gênero no jornalismo: a reportagem em quadrinhos. O ‘pai’ do novo estilo trabalha com conceitos comuns utilizados pelos repórteres, no seu caso, aproximando-se do estilo *new journalism* norte-americano (ou por que não dizer um novo estilo dentro do estilo *new journalism*?). O que ele faz é, ao invés de transformar o material em texto jornalístico, transformá-lo em história em quadrinho.

No final de 1991 e início de 1992 Sacco passou dois meses em Israel e nos territórios ocupados, viajando e levantando informações. Voltou em 1992 com a idéia de divulgar o que testemunhou e ouviu de seus entrevistados durante a sua aventura no Oriente Médio, combinando as técnicas da reportagem produzida ‘in loco’ com a arte do quadrinho. O resultado foi a HQ *Palestina – uma nação ocupada*, publicada em janeiro de 1993 e que ganhou o American Book Awards em 1996 e foi considerada a melhor série pelos Harvey Awards (Oscar da comunidade dos *comics*). No Brasil recebeu o HQ MIX de melhor Gráfico Novel estrangeira em 2000:

*Joe Sacco prova que não só é possível, como, em certos aspectos, sua reportagem em quadrinhos é bem mais eficaz do que o tradicional texto jornalístico ou mesmo histórico/acadêmico. E este é o ponto mais fascinante: com muita ousadia, Sacco demonstrou a potência de uma linguagem que, aparentemente, é inadequada para tratar de um tema tão grandioso e terrível como é o conflito na Palestina. Resta explicar a fonte dessa potência: de onde a história em quadrinhos extrai a legitimidade para reivindicar para si o estatuto e a dignidade de reportagem jornalística (ARBEX, 2000)<sup>2</sup>*

*Palestina* foi seu primeiro trabalho na linha jornalismo em quadrinhos, estilo que o tornou conhecido internacionalmente e que segue até hoje. Depois publicou na revista *Zero*

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **História em Quadrinhos**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



*Zero* a história *Natal com Karadzic* (no Brasil lançada na coletânea *Comic Book: O Novo Quadrinho Norte-Americano*, Conrad), HQ na qual narra seu breve encontro com o líder sérvio-bósnio Radovan Karadzic. Pela editora Drawn & Quaterly lançou o livro *Soba* (inédito no Brasil), obra em que traça o perfil de um artista que fazia horas de soldado em Sarajevo.

Seu último trabalho é *Área de Segurança Gorazde – Guerra na Bósnia Oriental 1992-1995* (Conrad) obra em que o autor faz um apanhado dos fatos que testemunhou e dos depoimentos que colheu em quatro viagens que fez a Gorazde, cidade Bósnia de maioria mulçumana considerada ‘área protegida’ pela ONU durante a Guerra dos Balcãs. A obra, lançada em 2000 (no Brasil foi lançada em 2001 pela editora Conrad), já foi eleita a HQ do ano pela revista *Time*:

*Joe Sacco é um homem que não se contenta em ir até o fato, testemunhá-lo e descrevê-lo. Ele transpõe o limite que suas atividades poderiam impor. Sem o auxílio de câmeras que registrem imagens em movimento ou não, Sacco, traça, literalmente, a história. Com seu estilo underground e até caricato de desenho este artista/intelectual/jornalista, brinda-nos com verdadeiras aulas de história e da irônica crueldade das nações do lado de lá. Chamado pela imprensa especializada de jornalismo gráfico, seu estilo assombra pela preciosidade de detalhes e da alta dose de realismo, estampado em dramáticas páginas em preto e branco.* (LEIVAS, Antero <http://alcateiamanga.vilabol.uol.com.br/Antero07.htm>)

## Reportagem x quadrinho

Joe Sacco consegue unir o documentário, a literatura e o jornalismo (como fizeram os grandes nomes do estilo *new journalism* norte-americano), unindo mais um elemento que, inicialmente, parece impossível: o quadrinho: “*En realidad, es un periodista de trinchera. Sus tebeos son documentos*”.<sup>3</sup> O roteiro de suas HQs é um misto de ironia e crueza. Seu texto é bem coloquial, combinando dados objetivos sobre questões complexas com observações e sentimentos pessoais. Ambíguos são também seus desenhos: um traço forte, grosseiro e ao mesmo tempo tocante.

---

<sup>2</sup> ARBEX, José. Prefácio à edição *Palestina – uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2000, p. 8.

<sup>3</sup> (<http://www.larioja.com/imagina/000225/frecuencia/fanz2.html>)

As técnicas da grande reportagem, assim como algumas de suas principais características, são evidentes em seus trabalhos, para começar na **formulação da pauta** e na **captação** das informações.

A obsessão pela atualidade, pelo furo da reportagem, acaba por dificultar a produção de um jornalismo mais aprofundado e de melhor qualidade, em que se tenha tempo para apurar e interpretar melhor todas as informações referentes ao fato reportado. Nesse item, a questão encontra saída na divisão do jornalismo entre *notícia informativa* e *reportagem*, ou seja, uma que anuncia (notícia) e outra que enuncia (reportagem) o fato. No caso de Joe Sacco, como vimos anteriormente, é evidente que seu trabalho se incluía no gênero reportagem.

Em se tratando da **formulação de pauta**, a obra do jornalista Joe Sacco aproxima-se mais do produto livro-reportagem: o autor tem a liberdade temática no momento de selecionar o assunto para sua “pauta”. Não que Sacco elabore uma pauta como trabalham seus colegas de jornais impressos, televisão ou rádio, mas ele tem a liberdade de escolha em relação ao tema a ser desenvolvido.

A obra de Joe Sacco também se aproxima do livro-reportagem em outros aspectos, tais como controle de tempo e espaço disponível: o jornalista-quadrinista não sofre com a pressão do *deadline*. Suas obras abordam fatos complexos de maneira a ampliar ao máximo o tema sem tanta preocupação com o tempo: “*A minha sorte é que não preciso enviar matérias e ter um horário de fechamento todos os dias. Não tenho aquela urgência de ter de voltar para casa após três horas, antes que meu jornal tenha de começar a rodar*”.<sup>4</sup> Outra preocupação inexistente seria com o espaço disponível para a publicação, problema constante na vida de repórteres de outros veículos de comunicação. O número de páginas das HQs de Sacco variam bastante, desde a pequena obra *Natal com Karadzic*, de apenas 21 páginas; até *Área de segurança Gorazde*, um trabalho mais complexo que chega a mais de 200 páginas.

No que se diz respeito à **captação das informações** o autor também terá mais liberdade de ação:

- pode buscar “outras vozes” fugindo das fontes desgastadas do dia-a-dia de um jornal;
- utilizar a angulação que preferir sem preocupar-se com a linha editorial do veículo;
- ter a liberdade de escolher o estilo como vai divulgar as informações que coletou.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **História em Quadrinhos**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

O estilo escolhido por Joe Sacco ganhou destaque justamente por inovar, aproximando linguagens e técnicas a priori tão incompatíveis: *“Como conciliar linguagens tão diferentes que não apenas nada têm em comum, como têm ambições antagônicas? (...) a televisão diluiu completamente os gêneros”* (ARBEX, 2000, p.7-8). Segundo o prefácio de Arbex, no quadrinho de Joe Sacco sobre a *Palestina* são os novos tempos que permitiram tal feito. Tempos esses regidos pelo poder da imagem e que acabaram por modificar o conceito de jornalismo permitindo a aproximação de gêneros diversos:

*No mundo em que imperam as imagens, Sacco produz suas próprias imagens de mundo para subverter, questionar uma percepção uniformizada pela grande mídia. E não será este, precisamente, o objetivo maior de uma grande reportagem?* (ARBEX, 2000, p.11)

A **entrevista** é a técnica-base para se elaborar um bom trabalho jornalístico. Unida à observação atenta do repórter (no caso de Sacco, a observação participante), torna-se peça-chave da grande reportagem. Na obra *Palestina – uma nação ocupada*, Sacco entrevista diversas vítimas da ocupação israelense, desde famílias expulsas de suas casas pelos assentamentos patrocinados pela direita israelense, até gente que ficou detida nos campos de prisioneiros. Colhe depoimentos inclusive de pessoas que tiveram parentes torturados e mortos. Como bom repórter, Sacco observa tudo e todos à sua volta, incluindo tumultos de rua, quando manifestantes e soldados se enfrentam entre nuvens de gás lacrimogêneo, pedras e balas de borracha: *“Basicamente, trabalho como um jornalista quando estou ‘em campo’ tomando notas, fazendo entrevistas. E eu tiro muitas fotos. Servem como referência visual quando volto para a prancha de desenho”*.<sup>5</sup>

E esse não seria o trabalho de qualquer bom jornalista que se aventurasse a produzir uma reportagem cuja temática seja a Palestina?

Ao contrário do enfoque reducionista do jornalismo informativo cotidiano, a reportagem prima por uma **visão pluridimensional** do fato. Nesse aspecto Joe Sacco se sai muito bem. Em sua obra não há ‘mocinho’ e ‘bandido’, todos podem ser vítimas e algozes dependendo do momento:

---

<sup>4</sup> SACCO em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo 29/04/01

*A imagem que temos de Israel: um bando de homens engratados com um quipá no alto da cabeça, conversando com quem quer que seja o presidente dos Estados Unidos no período. A imagem que temos dos palestinos: um velho beicudo com um lençol na cabeça comandando um bando de gente que sai explodindo coisas por aí. A imagem que temos do conflito entre os dois: um bando de gente brigando por uma tripinha de terra num lugar inóspito. A imagem que temos da guerra da Bósnia: pessoas num canto da Europa brigando não se sabe bem por que. Imagens de TV, enviadas via CNN, às vezes descritas num jornal. Pode parecer impressionante dizer que histórias em quadrinhos em preto-e-branco, com desenhos num estilo meio caricatural podem trazer imagens melhores que estas. Mas é um fato, tornado real pelo jornalista Joe Sacco. CAPARICA, Marcos [http://www.rabisco.com.br/04/sacco.htm]  
Um dos grandes méritos de Sacco - e daí o imenso poder de seus quadrinhos - foi o de ter dado visibilidade aos árabes "invisíveis" (ARBEX, p. 10)*

Outro item fundamental para a qualidade de uma grande reportagem é, sem dúvida, a **contextualização dos fatos**. Aliás, item que diferencia o simples jornalismo informacional – relato fragmentado da realidade baseado no lead e na pirâmide invertida – da grande reportagem, que seria, nas palavras do pesquisador Edvaldo Pereira Lima, definida como: “*Mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto*” (1995, p.24).

Em sua obra *Palestina*, por exemplo, Sacco tem a preocupação de explicar como todo o conflito começou, situando o leitor sobre o que aconteceu bem antes, quando a grande nação colonialista ocidental, no caso a Inglaterra, forçou a criação do Estado de Israel na Palestina “esquecendo-se” da numerosa população que já vivia por lá e da diferença cultural e religiosa entre tais povos. Na obra *Gorazde*, o autor ainda se utiliza de mapas para situar melhor seu leitor, fazendo um trabalho mais eficaz do que muitos livros didáticos escolares.

Há outras características referentes à grande reportagem que podem ser encontradas na obra de Joe Sacco. A **humanização do relato**, tão difundida pelo *new journalism* norte-americano através da polêmica técnica do fluxo de consciência, ganha em eficiência, pois agora o personagem tem seu perfil revelado através da imagem, no caso, da caricatura.

As caricaturas feitas por Sacco são ricas em detalhes. Seus personagens revelam sensações e sentimentos através das expressões bem definidas pelo desenhista. São olhos expressivos emoldurados muitas vezes por rugas e bolsas revelando todo o cansaço ou descrença do personagem. Interessante notar que seu traço vai evoluindo a cada obra. As

---

<sup>5</sup> SACCO em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo 26/10/2001.



caricaturas, por exemplo, vão perdendo a boca gigantesca tentando talvez se aproximar ao máximo do realismo.

Na obra *Área de segurança – Gorazde* o grau de humanização dos personagens torna-se ainda mais sofisticado quando o desenhista utiliza seis ou sete personagens principais criando assim uma empatia muito maior por parte do leitor. Sacco vai fazer a personagem virar-se de frente ao leitor, como se estivesse conversando com o próprio, e não somente com o repórter, que em suas obras faz às vezes o papel de narrador-observador.

Alguns já chamam a reportagem em quadrinho de Joe Sacco de *new new journalism*, pois ele consegue unir diversos gêneros em um só e acaba fazendo-o de modo eficiente e interessante. Sacco vai utilizar o texto impresso de maneira mais simplificada, unindo-o à imagem. Mas não aquela imagem instantânea promovida pela televisão. Assim como no jornalismo impresso, o leitor rege seu próprio tempo de ‘leitura’. O público de Sacco pode parar em cada quadro para observar detalhes ou voltar quantas vezes quiser para ver e rever.

O recurso dos ‘balões’ é muito bem explorado pelo jornalista-quadrinista, por exemplo, nos momentos em que Sacco quer transmitir ao seu leitor os sons do ambiente e cenário em questão. A primeira página de *Palestina* é totalmente tomada pelo desenho de Sacco e pelos ‘balões’ dispostos de modo confuso e desordenado. O visual extremamente ‘poluído’ é proposital na medida em que o autor pretende retratar o caos nas ruas do Cairo, lugar onde o jornalista acaba de chegar na narrativa da HQ sobre a Palestina:

“Trânsito? (...) Estou engolindo fumaça e o meu catarro está preto  
(...) Barulho? (...) Os egípcios preferem buzinas ao home theaters! (...) Uma  
loucura! (...) 15 milhões de cabeças com as galinhas cortadas ! (...) E entre  
pirâmides e meninos faraós, estou tonto! (...) Estou girando! (...) Táxi! (...)  
Tire-me daqui!” (SACCO, 2000, p.1)

Outra característica marcante do quadrinho de Sacco é usada brilhantemente: o preto-e-branco. Competente no uso das técnicas de contraste de branco e preto, Sacco carrega no preto ou clareia o quadrinho conforme a informação que pretende passar ao leitor: situação de tensão, ironia, medo, etc.

A estrutura quadro-a-quadro também varia bastante de acordo com a mensagem a ser transmitida. Em *Palestina – uma nação ocupada*, por exemplo, ao narrar a prisão de um palestino, Sacco vai diminuindo o tamanho de seus quadrinhos no intuito de transmitir ao



leitor a sensação de claustrofobia do personagem que se encontra presa com um saco na cabeça. Quando o autor narra uma seqüência sobre protesto de rua que acaba em conflito, os quadros são jogados de maneira desordenada para dar a sensação de bagunça e confusão.

Em suma, o trabalho de Joe Sacco unindo o jornalismo e o quadrinho merece atenção por motivos diversos, sejam eles artísticos ou jornalísticos. O mérito de Joe Sacco está justamente em conseguir aliar formas tão distintas de comunicação de maneira harmoniosa e inteligente. E transformar assuntos densos e complexos em obras esteticamente interessantes e didaticamente eficazes, aliando assim a seriedade e o entretenimento.

## **Bibliografia**

### **Livros:**

BAHIA, Juarez. O que é reportagem in *Jornal história e técnica 2 – as técnicas do jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990.

CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. [5ª ed] Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. *História e crítica dos quadrinhos brasileiros*. Rio de Janeiro: Europa/FUNARTE, 1990.

\_\_\_\_\_. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Angra/Achiamé, 1982.

\_\_\_\_\_. *A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa*. 4.ed. rev. E amp. Petrópolis : Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Petrópolis: Vozes, 2000.

DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. *Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. [2ª ed] São Paulo: Martins Fontes, 1995.

**LUYTEN, Sonia Bibe (org.) *Histórias em quadrinhos – Leitura crítica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.**

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. [2ª ed] Campinas: Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses* [2ª ed] São Paulo: Hedra, 2000.

MARNY, Jacques. *Sociologia das histórias em quadrinhos*. Civilização, 1970.

MOYA, Álvaro de. *Shazam!* São Paulo: Perspectiva, 1970.



SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem*. 3ªed. São Paulo: Summus, 1986.

### **Quadrinhos:**

KLEVISSON, Antonio. *Lampião – Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*. São Paulo: Hedra, 2000

NAKAZAWA, Keiji. *Gen pés descalços – Uma história de Hiroshima*. [3ª ed] São Paulo: Conrad, 2001.

\_\_\_\_\_. *Gen pés descalços – O dia seguinte*. São Paulo: Conrad, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gen pés descalços – A vida após a bomba*. São Paulo: Conrad, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gen pés descalços – O recomeço*. São Paulo: Conrad, 2000.

GAÚ, Marcelo. *Fealdade de Fabiano Gorila*. São Paulo: Conrad, 1999.

RESANO, Joaquín; MURILLO, Ernesto. *Zestas*. São Paulo: Conrad

SACCO, Joe. *Natal com Karadzic* in COMIC BOOK: O novo quadrinho norte-americano. São Paulo: Conrad, 1999.

\_\_\_\_\_. *Palestina – Uma nação ocupada*. São Paulo: Conrad, 2000.

\_\_\_\_\_. *Área de Segurança Gorazde – A Guerra da Bósnia Ocidental 1992/1995*. São Paulo: Conrad, 2001.

WILL, Eisner. *O último dia no Vietnã – reminiscências*. São Paulo: Devir, 2001.